

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DA ASSIGNATURA

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$000 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.
FORA D'AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1\$125 rs.; semestre (25 n.ºs) 570 rs.

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Número avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

COMPARAÇÕES

Os partidos monarchicos estão dando em toda a parte uma triste prova das suas aspirações sociaes e das suas crenças politicas.

O seculo 19, o mais brilhante até hoje na historia da humanidade pelos extraordinarios progressos que n'elle tem feito a sciencia e a industria, pelas descobertas excepcionaes que n'elle se tem realizado em todos os ramos do saber humano e que o tornarão reverenciado pelos tempos vindouros, assistirá para completa gloria sua à transformação inteira e radical dos actuaes regimões de governo.

Isso que para ahí está de pé na maioria das nações europeas é impossível. A podridão ou a onda revolucioaria passa por cima d'elle apagando-lhe os vestigios, ou a obra regeneradora do seculo XIX irá esbarrar na corrupção social que tudo elimina e mata.

«O Estado corrupto, disse Proudhon, é um agregado d'existencias incoherentes e repulsivas dispersas ao primeiro sopro como poeira.»

Pois bem, supremos e dispersemos, mas não demoremos o momento proprio, nem o precipitemos, porque em qualquer dos casos a derrocada poderia ser enorme, irremediavel.

Portugal é incontestavelmente uma nação desgraçada. As suas luctas pela regeneração politica e social, adulteradas e sophismadas pela gente realenga, em lugar de o elevarem e engrandecerem, tem-no deprimido e rebaixado. Sustentámos em nome da liberdade um lucta homérica, durante uns poucos d'anos, que nos custou immensos sacrificios de homens e dinheiro, que estabeleceu uma separação profunda e de resultados desgraçados entre a familia portugueza. É para que? Para servir os interesses d'uma Bragança, simplesmente.

A liberdade que nos levava ao combate foi nos immediatamente negada e calcada aos pés por uma mulher despótica e soberba, *estrangeirada*, o que deu em resultado um periodo ter-

rivel de guerras civis desde 1836 até 1848, cortado d'afflicções e agruras. Com o descaço veio a infame torpeza iniciada por Rodrigo da Fonseca, torpeza que vai aumentando consideravelmente. A divida publica e os impostos subiram immenso, sem termos de forma alguma uma compensação relativa. O que succede hoje todos sabem.

O partido regenerador contrahe emprestimos, lança impostos, gasta loucamente com tratadas, afilhados, compadres, com essa magna caterva d'agiotas e especuladores que o cercam. O partido progressista revolte-se n'um lidaçal immundo, em que successivamente se atola. Sem principios, sem crenças sem convicções, attendendo apenas ás necessidades de barriga lança se hoje nos braços dos republicanos e amanhã nos da monarchia, ora nos descompõe a nós, ora descompõe o rei em linguagem porca de taverna e relas.

Nos seus momentos de *republicanphobia* accusa-nos de destruidores incoherentes e fallando-nos pomposamente de philosophia e ideas democraticas declara nos fó a da lei, acrescentando que o desenvolvimento do partido republicano se deve aos seus desacertos e não ao *nosso acerto*.

Olhae os idiotas! Não nós queriam destruidores, como se o interesse da nação não fosse destruído a elles e ás suas obras. Queriam que os ensinássemos a administrar e dirigir os negocios publicos.

Sim, havemos de administrar e dirigir quando vos expulsarmos do poder como indignos vendilhões, mais aos *tosos cimaradas*. Por hoje limitámo-nos a isso só, de que nos accusaes — a destruir. É o nosso fim primeiro. Declaram-nos fóra da lei em nome da philosophia, mostrando a mais sepina ignorancia, porque não sabem que a base da moderna philosophia politica é exactamente a democracia pura a que aspiramos, porque não sabem que á face da sciencia positivista não ha partidos illegaes.

Emfim, passam a si proprios atestado d'ineptos, lavram a sua propria sentença de morte quando ingenuamente affirmam que o numerosissimo partido republicano só aos seus desacertos e loucuras deve a existên-

cebida em toda a linha. Entre os que lhe dedicaram algumas palavras de critica, figura Anthero de Quental com um folhetim no *Jornal do Commercio* n.º 8228 de 7 de Julho de 1881, folhetim depois transportado para o opusculo de que me quero occupar n'este modesto trabalho.

Como o opusculo não entra em commercio, tanto mais tenho que agradecer a valiosa offerta que me foi feita.

Dito isto permitam-me que eu apresente uma ligeira apreciação sobre o trabalho transcendente de Anthero.

Anthero de Quental avança no seu estudo a proposito da *Lyra Intima* asseverações que hão de custar a ser accites por muitos mas que para mim — um pobre diabo que não é poeta, — como para muitos outros, são verdades descriptas com uma precisão mathematica.

Entre o numero dos que discordam da opinião de Anthero, um já que eu saiba, o sr. Henrique das Neves, sabiu a terreiro combatendo de vizeira erguida as affirmações logicas publicadas no opusculo *A Poesia na Actualidade*. Entende este cavalheiro que Anthero é incoherente e menos verdadeiro. Está no seu direito e não se-

cia e parecem ter grande honra em ser os assassinos da monarchia. Oh! microcephalos, preciosos exemplares que o dr. Dopinard compraria por bellas sommas para os seus notaveis estudos anthropologicos, que não sabeis o que estaes dizendo! Pois se foram as vossas loucuras que crearão o partido republicano, como é que esse partido é illegal?

Pois se vós proprios vos declaraes inhabeis para a administração dos negocios publicos, porque admiraes que os outros declarem o mesmo?

Ora ahí está o que são os *grandes* partidos portuguezes da monarchia.

No governo esbanjam, na opposição ou atiram ao rei, a incarnação verdadeira do seu systema, nas encruelidades e nos becões, ou escudeam os republicanos para agradar ao rei.

Se lançarmos os olhos ao paiz visinho, vèmos a mesma cousa. Incoherencias ignaes, identica falta de principios, analogas torpezas. Sagasta, que foi ministro da revolução, vai ao poder em nome do seu programma liberal, mas chegado lá rasga-o como aqui fizeram os progressistas. Moret, que o nota, organisa partido a correr com um programma mais liberal ainda, porém acatando a constituição de 76. Aparece Serrano a proclamar a constituição de 1869 e Moret, que vê fugir a posta, escangalba partido, faz a mala e passa-se para Serrano aceitando já a constituição de 69 e tudo quanto este quizer. Serrano que contra resistencia na corôa já não quer a Constituição de 69 na integra, e modifica-a. Canovas o chefe do partido mais retrogrado da Europa dentro do constitucionalismo, e que fez sempre uma guerra de morte ao partido liberal de Sagasta, apoia com toda a força a esquerda dynastica do duque da Torre, que se apresenta com um programma mais rasgado ainda. E dizem os ultimos telegrammas que Sagasta, que tem mandado descompor atrocemente na imprensa os da esquerda, tambem vai apoiar o duque da Torre.

Ora comprehendam essa dança de nigromantes, se são capazes. E então sobre a constituição não fallamos. É tão vergonhosa como a nossa.

rei eu que lh'o negue, fique descaçado.

Não logrou, porém, com o seu folhetim, publicado na *Republica Federal*, convencer, nem a mim, nem aos que pensam como eu a respeito da opinião de Anthero sobre a poesia actual.

Anthero diz, e com toda a razão, e com toda a justiça, que a poesia deixou de ter missão social a cumprir. Em verdade, hoje que as manifestações poderosas dos progressos do espirito humano, as modernas conquistas da sciencia, as recentes descobertas dos sabios, occupam a attenção do universo, valerá a pena esse universo parar, ou, por outra: valerá a pena que se desvie a attenção de coisas d'uma utilidade real, para ouvir um poeta dizer umas coisas muito lindas, phrases muito bem rendilhadas, mas que no fundo nada valem ao pé da noticia d'uma descoberta geographica, ao pé d'uma demonstração da sciencia astronomica, ou mesmo a par da invenção d'um novo aparelho destinado a simplificar qualquer trabalho da vida social?

Decerto que não. É por isto, por convencidissimo d'esta verdade, que eu vou de accordo com Anthero de Quen-

tal affirmando que a poesia propriamente dita, a poesia considerada como instituição social, tende a desaparecer n'um periodo curto.

E, o que é mais, foi a poesia mesma que procurou apressar o periodo da sua decadencia. Suicidou-se, não foi assassinada.

Anthero assim o diz, embora por outras palavras:

«... a propria poesia se encarregou do officio cruel, officio que seria impio se não fosse fatal, de se reduzir a si mesma ao absurdo, de contradizer o seu intimo principio, de se renegar.»

Tal e qual. A poesia á força de tanto idealisar vai declinando no horizonte presta a desaparecer; como coisa util já não tem existencia possivel. Anthero não diz, nem o poderia dizer, creio eu, que o poeta acabará. Não senhor. Anthero diz:

«A alta poesia, epica, tragica, lyrica — essa irmã da metaphisica e da religião — terá assim desaparecido, mas subsistirá a poesia subjectiva, familiar e pessoal, como expressão de estados de espirito, ou particulares, ou raros e passageiros.»

«A poesia conservar-se-ha pois, mas tendo perdido o antigo caracter

ANTONIO DE CASTRO.

A INSTRUÇÃO PRIMARIA EM PORTUGAL

Se em ethnologia ha alguma verdade para a doutrina hegeliana quando procura codificar as cousas e leis que presidem e determinam as evoluções sociaes no engrandecimento e decadencia dos povos — o factor mais importante d'esses resultados por mais magnitude que apresentem deve ser procurado na instrução, já protegida, já descurada.

Examinemos, porém um pouco os factos retrospectivos.

Os jesuitas monopolisaram entre nós o ensino nos fins do seculo XVI e em quasi todo o XVII até ás grandes reformas do illustre marquez de Pombal que os expulsou e imprimiu vigoroso impulso aos diversos ramos da instrução, fundando e organisando a primaria por carta de lei de 6 de novembro de 1772. A D. José e ao seu atilado e energico ministro succede o governo reaccionario de D. Maria II que hostilisa e obstrue as sabias reformas passadas, deixando por unico padrão de gloria a criação de 18 cadeiras do sexo feminino (1790) que só foram providas em 1825!

Assim continuamos até ao estabelecimento definitivo do regimen liberal sem ter que registrar beneficio ou melhoramento algum na instrução, a não ser um augmento d'ordenado (!...), ficando o professor a vencer nas aldeias e villas 60:000 réis, nas cabeças de comarca 90:000 réis e em Lisboa 140:000.

Em 1835 o ministerio de Rodrigo da Fonseca Magalhães, depois de ter creado duas escolas normaes, em Lisboa e Porto, e obrigado os professores officiaes d'aquellas cidades a frequentar-las, deu commissão ao sr. A. L. de Seabra (hoje visconde de...) para a elaboração d'uma reforma completa d'instrução primaria. Este trabalho, acompanhado da criação do Conselho Superior d'Instrução Publica, d'um jornal official d'educação, dos regulamentos e de outras providencias entre as quaes não é somenas a que estabelecia 200:000 réis d'ordenado aos professores ruraes e a jubilação com ordenado por inteiro aos vinte e cinco annos de serviço — este trabalho, repetimos, honra muito o seu illustrado auctor e o ministro patriota que o referendou.

Tudo isto não passou do papel por que o ministerio de Passos Manuel, que no mesmo anno succedeu áquelle, suspendeu por decreto de 2 de dezembro todas as providencias relativas á instrução, e sete dias depois, a 9, vem uma portaria declarar-nos que aquelle decreto se não entenderia com a instrução primaria. Seriedade e madureza das altas regiões officiaes!... O prurido estulto de reformar o que não precisa levou Passos Manuel a encarregar o dr. José Alexandre de

d'uma das grandes forças sociaes e espirituosas da Humanidade, de agente poderoso da civilização. Ao som augusto da grande lyra de Orpheu já se não erguerão cidades nem civilizações povos. Essas cordas solemnes e soberanas terão emudecido para sempre. Mas as mais tennes continuarão a ouvir-se, para gosto e consolo d'algumas almas ternas e juvenis.»

De quanta verdade ha n'estes periodos hão de chegar a convencer-se os que hoje a não reconhecem. Demos tempo ao tempo.

De resto o opusculo *A poesia na actualidade*, firmado pelo nome altamente respeitavel do sr. Anthero de Quental, é muitissimo digno de estudo e reflexão. Ha n'elle phrases e pensamentos de elevado valor e raras vezes, no acanhado meio da litteratura portugueza, apparecem documentos tão importantes e transcendentis como este de que me occupo a largos traços temendo ser enfiado para com os leitores d'este jornal alheios a este genero de questões.

Porto — 1882.

ALBERTO BESSA.

FOLHETIM

A POESIA NA ACTUALIDADE

ESTUDO CRITICO

POR

ANTHERO DE QUENTAL

(a proposito da «Lyra Intima» do sr. Joaquim de Araujo)

É assim o titulo d'um folheto de 20 paginas que o meu respeitavel amigo e primoroso poeta Joaquim de Araujo acaba de offerecer-me.

Joaquim de Araujo publicara um adoravel livro de versos que todos conhecem já hoje. Esse livro tinha por titulo appropriadissimo: *Lyra Intima*, e digo appropriadissimo porque o livro

«Não segue, não acompanha Nenhum dourado estandarte»

e é, ao mesmo tempo,

«... o engaste das canções Firmes, leaes, d'um rapaz...»

A *Lyra Intima* foi muito bem re-

ampos do preparo da reforma de 836, cujas boas e uteis disposições estão muito longe de compensar e fazer desculpar as passivas e injustificáveis que encerra.

Seguiu-se a reforma de 1844 com muitos logares communs ás precedentes e com a retrograda e injusta redução do ordenado á sua metade, 400:000 réis!

Parece-nos ocioso dizer que as principaes disposições das tres mencionadas reformas, em que se conta a obrigação legal de frequencia que na ultima tem um luxo mirifico de adjectivações e de coercivos, não passou literalmente do papel. Aquella prescripção sem a criação de escolas e preparo de professores é simplesmente uma falsificação e um ludibrio.

Exemplo de moralidade monarchica: em 1845 publicou-se o regulamento da escola normal de Lisboa, em seguida nomea-se o pessoal, e abre-se em 1861... tendo sido disfructados os ordenados em santo ocio!

Mais tarde sobresaem como principaes providencias os decretos de 24 de dezembro de 1845, 20 de dezembro de 1850 e 30 do mesmo mez e anno. No intervallo de 1859-1870 foram apresentadas ao parlamento diferentes propostas de lei que não chegaram a discutir-se. A repetição do acto prova ao menos o sentimento da necessidade d'organizar em novas bases este serviço. A dictadura de 1870 presta importantissimo serviço á instrucção creando um ministerio privativo e honrando com a sua pasta um cavalheiro que pela sua competencia, illustração e conhecimentos especiaes honrava a seu turno o governo que o escolheu. Referimo-nos ao sr. D. Antonio da Costa, que fez raiar uma brilhante aurora para a instrucção nacional, cujo fulgor de progresso e civilização foi logo eclipsado pela politica faciosa e mesquinha de grupo que substituiu esta situação. O sr. D. Antonio da Costa deu-nos o singular e nunca visto espectáculo em Portugal de um ministro ascender á cadeira cural com o traçado da sua marcha governativa perfeitamente delimitado de modo a poder apresentar ao paiz no curto periodo de 69 dias um conjunto de refermas, sufficiente a illustrar e fazer a reputação de um homem como estadista eminente.

Baldado trabalho. O bispo Alves Martins pulverizou nos seus arranços d'um sophydrismo improprio da elevação das suas ideias o bello edificio solidamente alicertado e magestosamente cupulado.

Infernal circulo vicioso que se formula na sentença do bispo Fraser: «um povo ignorante póde ser governado; mas só um povo instruido se póde governar.»

Temos agora a lei de 2 de maio de 1878, da qual diz um dos nossos primeiros pedagogistas, sr. Amaral Cirne Junior: «Alfóra a criação dos inspectores e sub-inspectores, assim como a transferencia obrigatoria e immediata de quasi toda a despesa da instrucção primaria do orçamento geral do Estado para o dos municipios é de crer que tudo continue na mesma.»

E logo, ampliando: «Entre nós, as camaras municipaes, por em quanto, são apenas machinas eleitoraes de sorte que a administração é, em regra, detestavel. Em tal estado de coisas, as attribuições, que por uma simples penna do legislador passam para as camaras municipaes ou juntas de parochia, hão de reverter, por largo periodo, em prejuizo da instrucção do povo. As juntas escolares, os delegados parochiaes e as commissões promotoras de beneficencia e ensino serão puras inutilidades ou desnecessarias complicações, no machinismo da instrucção, porque é proverbial e patente a todos nós a indifferença pelos negocios publicos e a carencia de civismo e de iniciativa individual.»

Perfeitamente. A experiencia justifica a triste prophacia.

Agora um relancear de vista ao estrangeiro.

A França que nos ultimos dez annos pagou á Allemanha 900:000:000\$ réis e que diminuiu as contribuições em 64:000:000:000 réis, póde ainda augmentar a dotação da instrucção publica com 14:400:000:000 réis. Em Portugal foram augmentados os impostos em 2:400:000:000 réis e a verba de instrucção primaria reduzida de 353:991:190 réis a 277:309:880 réis.

Os Estados-Unidos da America gastam 90:000:000:000 réis com as suas duzentas mil escolas primarias.

A Suissa, pobre republica apertada entre montanhas, que não tem alfandegas maritimas nem cabiques «Luz do Dia», applica a verba de réis 2:000:000:000, a mais importante do seu orçamento, á sustentação de 7:000 escolas e de 1:600 bibliothecas.

A Allemanha dispense 25:200:000\$ réis com 60:000 escolas.

A Belgica a 8:246 escolas destina 4:465:000:000 réis.

A Hollanda, a Noruega, a Suecia, a Inglaterra, a Austria, a Dinamarca, a Italia, a Hespanha e até a decadida Grecia, gastam, proporcionalmente, mais do que nós neste ramo de serviço.

Nos Estados-Unidos cada habitante concorre com 2:100 réis para a instrucção; na Belgica cada contribuinte dá 4:725 réis para as despezas do Estado, dos quaes saem 828 réis para a instrucção; o contribuinte portuguez paga 5:850 réis saindo d'ali para o mesmo fim menos de 70 réis.

Accresce que no estrangeiro ha iniciativa individual e ha benemeritos como mr. Vassar e mr. Peabody, americanos, que dotaram a instrucção do seu paiz respectivamente com réis 450:000:000 e com 3:554:000:000 réis.

A cidade de Pariz gasta só com a instrucção primaria tanto como Portugal com toda a instrucção.

Gosto dos numeros comparados; e os leitores terão a amabilidade de me acompanhar neste gosto? Continuemos.

A Suissa tem uma escola para cada 251 individuos, e ha um analphabeto para cada mil, Portugal tem uma escola para cada 1:500 habitante. Mas tambem, segundo os dados officiaes, da população de Portugal, que é de 4:550:699 individuos, não sabem ler nem escrever 3:751:774; a população rural é de 4:004:410 almas, sabem ler 581:794 individuos e são analphabetos 3:422:616!...

A Belgica tem uma escola para cada 655 e gasta annualmente em construcções escolares 1:600:000:000 réis.

Portugal conta (estatística official) 825 analphabetos por cada 1:000 habitante; mas mimososa o rei com uma lista civil de 572:000:000 réis, em quanto que a Suecia com igual população contenta o seu com 306:000:000 réis; a França com 40:000:000:000 réis faz a sua lista civil com réis 216:000:000 réis e os Estados Unidos (a mesma população) com 225:000\$ réis.

A nossa divida publica orça por 500:000:000:000 réis e a superficie de terra culta por 4:042:000 ares, o que dá um onus hypothecario de réis 107:742rs. para cada are, temos 600 escolas fechadas por falta de recursos e em instrucção estamos a par da Russia, da Turquia, como se vê dos trabalhos estatísticos de Mr. E. Levasseur e de Mr. Block, onde figuramos com 2,5 alumnos inscriptos nas escolas por cada 100 habitantes, apresentando os Estados Unidos, 48; Saxe, 47,5; Baden, 17; Wurtemberg e Suissa, 15,5; Dinamarca, 15; Allemanha e Prussia, 14,5; Suecia, 13,7; Baviera, 13,2; Paizes Baixos e França, 13; Noruega, 12,5; Belgica 11,5 (este é o paiz que gasta annualmente em construcções escolares 1:600:000:000 réis em quanto que em Portugal, na lusa Athenas, uma professora official está ameaçada de dar aula no meio da rua por o dono da casa, onde até agora funcionou e que era desappropriada e quasi impossivel, não estar disposto a cedela-mais tempo gratuitamente; e em Albergaria a Velha, uma villa com aspirações a cabeça de comarca, viu-se ha pouco o professor publico funcionando ao longo da estrada real, n'um terreno de vultu por ter uma pessoa da familia doente e não estar resolvido a comprometer a vida d'ella dando aula em sua casa, como costuma fazer por falta d'estabelecimento proprio); Austria e Hespanha, 9; Irlanda 8; Hungria, 7,5; Italia 6,5; Grecia 5,5. Até a Grecia nos está superior! Mas não nos desconsolamos. Temos companhia historica: a Turquia de turbante, de saia e sem tacões é os servos de gleba do Autocrata de Todas as Russias. De mais se o estrangeiro tem mais escolas e mais instrucção e todos os incontestados beneficios d'ahi emanados, nós temos mais padres, mais conegos,

mais bispos, mais bachareis, etc., etc. Em 1869 tinha a Belgica, [uma população excedente a 4:800:000 almas e 6 dioceses, isto é, uma para cada 800:000; a França com 38:000:000 almas tinha 84 dioceses, uma para cada 450:000 habitantes; Hespanha, com 17:000:000 habitantes conta 53 dioceses, uma para 320:000; e Portugal, este Eyypto da Europa, á beira mar bestializado, com uma população continental e adjacente apenas de 4 milhões de habitantes ufanava-se antes da recente redução, de 19 dioceses, uma para 210:000. É verdade que o clero portuguez é modelo d'illustração e morigeração.

É tambem verdade que a Allemanha tem congressos pedagogicos desde 1848, sendo o primeiro convocado pelo dr. Kroegeer e presidido por Theodoro Ulfmann, em Hamburgo; celebrando-se ainda outro no mesmo anno e seguintes até 1871 em que principiou tambem o trabalho o congresso das associações de professores. A Suissa tem d'estas instituições desde 1810, e mais tarde a Austria, Italia, Estados Unidos, etc., etc. Mas entre nós na segunda circumscripção escolar foram adiadas para o anno futuro as conferencias pedagogicas que deviam celebrar-se em outubro corrente, isto em razão de quasi todas as camaras municipaes haverem declarado que não podiam subsidiar os professores, como participou o respectivo sr. inspector.

A França gastou em tres annos, segundo Mr. J. Ferry, 36:000:000:000 na criação d'escolas. «Fazemos», diz Ferry, escolas tão rapidamente como o padeiro fabrica pão.» Mas nós temos outras cousas: uma rainha que manda 20:000:000 réis para Pariz em troca d'um vestido, o rei Antonio Maria e o rei Luiz Gonzaga, a penitencia e progressistas e regeneradores, Arrobas salvador das instituições e Eduardo Tavares explorador das mesmas; e sobretudo o que nos honra, o que nos salvará, o que nos elevará— a critica indigena.

EDUARDO ARVINS.

BIBLIOGRAPHIA

A *Illustração*, jornal das familias; director Fialho d'Almeida.

Uma direcção perfeitamente exercida pelo mais brilhante dos nossos estylistas, uma primorosa collaboração em que figuram os nomes mais illustres da nossa modesta litteratura moderna, uma disposição cheia de methodo, gravuras que nada ficam a dever ás do *Occidente*, magnifico papel e impressão cuidada, são elementos mais que sufficientes para garantir a carreira longa e prospera a que este semanario tem direito irrecusavel e que nós cordealmente lhe apeteçemos.

Quizeramos ver a parte scientifica mais desenvolvida com principios de chimica e de hygiene e talvez menos aprofundada. Lembraçnos, se tal nos é permitido, ao Valentin Demolio que cremos ser o auctor d'aquella secção como estudante da escola medico-cirurgica de Lisboa, a vantagem que adviria de tornar conhecido em Portugal o estudo do que os inglezes chamam geographia-physisca, isto é o estudo geral do planeta que habitamos com uma idéa da sua formação pela chamada hypothese da nebulose, que livraria os nossos compatriotas da ideia theoretica, da anti-scientifica tão arreigada das creações preparadas-ous para aceitarem em todas as suas minudencias a theoria da evolução.

O presente numero é collaborado por Fialho d'Almeida (Valentim Demolio) Joaquim d'Araujo, Teixeira Bastos, Gomes Leal, João de Deus, Luiz Guimarães Junior e C. d'Albuquerque. Especializaremos as pcesias que são encantadoras, e o magnifico artigo sobre José Estevão escripto por Teixeira Bastos, que desde já pedimos licença para transcrever quando nos sobrar o espaço que nos falta agora.

Na primeira pagina vem uma bella gravura com o retrato d'aquelle nosso conterraneo.

C. F.

CARTAS

Lisboa 20 de outubro.
Um punhado de noticias:

— Reunio-se no domingo passado o comicio eleitoral, em que Magalhães Lima candidato a deputado republicano pelo circulo n.º 98 expoz e desenvolveu o seu programma politico. Presidiu o sr. Manuel d'Arriaga, e serviram de secretarios os nossos correligionarios Eduardo Nunes da Motta e João Francisco Caldas.

Os discursos de Magalhães Lima e Manuel d'Arriaga foram brillantissimos; e a candidatura do redactor principal do *Seculo* foi calorosamente apoiada.

Neste comicio foi tambem approvada uma proposta de bastante alcance, para que Trigueiros de Martel ficasse encarregado de organizar uma commissão de vigilancia ao acto eleitoral, nas diversas assembleias dos dois circulos de Lisboa. Já nas eleições geraes de 1881, alguns correligionarios nossos se deram esse cargo espontaneamente e puderam, com a sua energia e vigilancia, evitar muitas torpezas da parte dos galopins do governo.

Chegou no paquete *Niger* o distincto orador e jornalista brasileiro, dr. Lopes Trovão e acha-se hospedado no *Hotel Borges*. Segue para Paris no dia 25 ou 26 do corrente mez e vae ser correspondente, n'aquella capital, do *Globo*, importante periodico que se publica no Rio de Janeiro.

Lopes Trovão, é bastante illustrado e é um republicano convicto. Tem tido largas conversações com Theophilo Braga, com Magalhães Lima e com outros distinctos escriptores. Conhece o nosso movimento republicano actual, e acompanha-o com enthusiasmo. Traz na sua mala de viagem, uma collecção do *Seculo* e outras publicações democraticas de Portuga; completará as suas collecções aqui e deseja levar os retratos photographicos dos vultos mais proeminentes do nosso partido. Está ansioso por assistir ao comicio eleitoral republicano, que se realisa depois de amanhã no circulo n.º 97. Ser-lhe-ha ahi feita uma manifestação de sympathia.

Ultimas noticias chegadas pelo paquete *Luso*, confirmam as manifestações republicanas perante a urna, que vão effectuar-se nos circulos do Funchal e da Ribeira Grande; sendo n'aquelle no nome de Manuel d'Arriaga, e n'este no de Aristides Moreira da Motta, talentoso orador e distincto advogado, que reside na cidade de Ponta-Delgada, ilha de S. Miguel.

Os individuos implicados no descaminho de 5:000\$000 réis, importancia d'um cheque passado pelos srs. Lima Mayer & Filhos, negociantes d'esta praça, descaminho que se deu em 14 de junho do anno passado, foram absolvidos em audiencia de jury, realisaada em outro dia. Foram seus advogados de defeza, o sr. Alfredo Ansur e Manuel d'Arriaga.

A espionagem dos republicanos já quer ultrapassar os limites da denuncia. Ha poucos dias, um individuo, dizendo-se eleitor do circulo n.º 98, dispunha-se para assistir e tomar parte em uma reunião que se effectuava na redacção do *Seculo*. Foi conhecido, como da policia secreta, e posto na rua immediatamente.

Ora, seria melhor que o governo não caloteasse os professores de instrucção primaria e outros empregados menores do Estado, e deixasse os republicanos; ao menos, dentro de suas casas, em paz.

Como lhes annunciámos na nossa ultima carta, com a chegada do sr. Theophilo Braga, vae constituir-se definitivamente a *Associação dos livres pensadores* e proseguir activamente nos seus trabalhos. Já hontem á noite se realisou uma reunião para serem eleitos os individuos que hão de compôr a primeira direcção.

Não pudemos assistir a ella, e por isso ainda não sabemos o que se resolveu.

Foi condemnado em seis mezes de prisão o individuo que se lembrou de dar vivas á republica na cidadella de Cascaes. Bonito! Boa justiça esta d'elrei Nosso Senhor!

Os juizes, que ainda ha pouco tempo eram tidos como independentes e honestos, já hoje estão uns reles e sabujos da realza, uns serventuarios dos governos, para elles os não mandarem para a relação dos Açores. Absolvem-se os moedeiros falsos e os grandes criminosos; os contrabandistas da «Luz do Dia» passeiam livremente pela

capital; toda essa choldra nefasta que no governa, pratica impunemente quanto crimes lhe apraz e ainda em cima, áquelles que tem a nobreza de caracter e a coragem para protestarem, dá-se-lhes cadeia. Esplendido! Pedimos muito mais, real Senhor!

Y.

COMMUNICADOS

Alerta! Temos a ordem de Varsovia muito bem estabelecida n'este mizero Concelho de Vagos!. Alerta que a ordem alem dos sete já sabidos, é composta, si vera est fama, de mais alguns bojudos confrades!. Alerta!. que o guardião espicaçado pelo nosso comunicado de 1 de Outubro, e furo por havermos tido o arrojo de pôr a descoberto aquelles sete peccados mortaes a que a ordem chama «segredos occultos», tocou a rebate, chamou a capitulo; é, congregada a ordem assim lhe falla «meus irmãos na ladroeira forão descobertos os nossos mysterios; está por isso ameaçada a sorte de nossas famintas barrigas; em taes conjecturas sou de parecer que a ordem se dissolva, ou então; e isso será melhor, que se evidem todos os nossos poderes e imploramos ao nosso orago bifronte que nos ajude a mandar o auctor dos nossos males para as pedras negras». Um momento de silencio e apoz o qual se ouviu um unanime longo e accentuado amen! Mas... Coitados!. Não, senão se resolvem nem a uma nem a outra couza os desgraçados?. Abandonar a posta não, porque primeiro e acima de tudo está a barriga; procedeu contra o seu acuzador, como a honra e dignidade offendidas o exige tambem não; porque as accuzações são verdadeiras, tem prova irrefragavel e a sentença condemnatoria ser-lhe-ia fatal!. Mas era mister dar uma saptificação a si e aos seus... e por isso arengarão no seu alcorão o libello acuzatorio e encarregam a seu irmão João de ir á imprensa dirigir duas palavras para que o publico ajuze como deve. Não respondemos a essas duas palavras; porque são puras falsidades, e só proprias do seu auctor, com que não desceamos a discutir. Em quanto aos quatro pontapés, advertimos-lhe que não nos chamamos Antonio Hanibal Barreto Feio, mas sim José Nunes d'Oliveira. Aos tribunaes miseraveis, lá lhe mostraram com documentos authenticos todas as accuzações que lhe havemos feito!. Aos tribunaes dilapidadores infames dos redditos d'este desgraçado concelho!. Mas que é... É tal a confiança que depozitam nas auctoridades, e tal a força de que dispõe (o dinheiro?) que não cessam de praticar crimes sobre crimes!. Ainda ultimamente um dos sete confrades que usa de dois nomes conforme as conveniencias; Antonio Vicente, ou Antonio Vicente da Rocha, figura com este como vereador da Camara, e com aquelle como apontador na estrada do Lombomeão, pelo que percebe 600 réis diarios!. Que é isto srs. Baldomeras se não uma requintada ladroeira!. O nosso Cod. Pen. que condemna um tal procedimento no art.º 317 é para estes sevandijas um perfeito fanfoche!. E o sr. governador civil sempre pacifico em tudo isto, e o sr. administrador sempre indulgente. Indulgencias para com os dazaforados, que desprestigião as leis, e roubão, descaradamente os municipes d'este concelho! A observação continua de factos de similhante ordem e a que as sr.ªs auctoridades fecham os olhos e ouvidos e tudo o que lhes convem fechar revolta a ponto de reclamar por toda a parte pela saciavel justiça de marmelleiro!. Pois só por este meio se levão os que perdêrão a vergonha e a sensibilidade moral!. Os factos que temos apontado e os muitos que deixamos de enumerar são bastantes para que seja destruido este covil que serve d'aprisco a tanto ladrão!. Sr. governador civil proceda como deve. lembre-se d'aquelle muito antigo rifo, usado pelos nossos lavradores—tão la-lão é o que vae a vinha, como o que fica ao portal—. Depois não se queixe. Não queira sr. governador civil que o seu caracter seja conspurcado, não queira descer ao indecorozo papel de capa de ladrões!. V. Ex.ª sabe muito bem que sou seu verdadeiro amigo, com Mendes Leite;

Assim como o sou do Doutor Almeida, mas como auctoridade não posso ser vosso amigo, não o devo ser em quanto não vir que v. ex.^{as} cumprem com os seus deveres! É a v. ex.^{as} e a mais ninguém que eu torno responsaveis por todos os abuzos e ladroerias que aqui se praticão. Já disse e repito que não dezabro mão deste negocio em quanto não observar estabelecida a regularidade n'este concelho, e os municipes livres de tantos ladrões.

Ouca 14 de Outubro de 1882.

José Nunes de Oliveira.

A JUSTIÇA D'AGUEDA

Foi o sr. bacharel, por um arrojo d'imaginação digno de melhor emprego, imputar-nos a pretensão de nos supormos mais inteligente por trazer-mos a cabeça mais alta. Fantasias d'um rabulismo costumado a ver a innocencia onde está a culpa e vice-versa; tudo pela lente do interesse. E conclue o primeiro periodo, que arrotou, afirmando dogmaticamente a superioridade da sua intelligencia. Não seremos nós que desfaremos esse engano da alma ledo e cego que o amor proprio, a cousa mais barata, abundante e facil que conhecemos, fará durar muito.

Pythagoras, correndo em trages menores pela rua e proferindo o entusiastico e retumbante eureka não experimentaria talvez a alegria que o sr. bacharel parece filtrar por todos os poros ao descobrir e annunciar a nossa posição social mestre-escola; a falta d'homens, podera acrescentar. Não discutiremos a importancia relativa ou absoluta das classes sociaes, a que pertencemos; apenas lembraremos que ha pouco haviam vinte e nove bachareis pretendendo um lugar de continuo d'uma repartição de Lisboa. O que affirmaremos, porém, a v. s.^a é que a sua qualidade de bacharel mais ou menos inepto e ordinario em nada absolutamente modifica ou altera a questão, que toda se cifra em provar a verdade ou a falsidade do arguido, o que o sr. bacharel não fez na sua primeira resposta em que se limitou a accusar-nos de mentiroso, e não fez na segunda em que se contenta com esmagar-nos (na sua opinião) propalando aos quatro ventos que não passamos d'um senhor mestre escola.

Depois d'esta replica fulminante que dá uma alta ideia da superioridade da sua intelligencia e do rigor e disciplina da sua dialectica descamba o sr. bacharel para a vida particular, á imitação de qualquer mulher de lavadouro ou de soalheiro. Infeliz campo escolheu. Terreno mui escorregadio foi pisar. Em seguida despede-se v. s.^a com ares de capitão mór broeiro e de villão que não tomou chá em pequeno fechando-nos a porta na cara:

«E visto que nos conhecemos, senhor Catão Luzitano, adeus para nunca mais aqui.»

Alto lá, sr. bacharel. V. s.^a que me conste não tem privilegio de pregador: «dizer e não ouvir». V. s.^a chamou-me bebado—palavra realista de mais e delicada de menos. V. s.^a ha de ouvir uma serie de considerações que este vocabulo borguista me sugere, a menos que v. s.^a se não recuse a dar-me uma satisfação retirando aquella palavra realista de mais e delicada de menos.

Esperamos isto da sua dignidade e para honra e conveniencia sua e minha, poupando-me o desgosto de dizer cousas desagradaveis ainda que verdadeiras.

Termino, respondendo á ultima parte—que não reconheço em v. s.^a nenhuma competencia como pedagogista.

Catão Luzitano.

Pardelhas 16 de outubro.

Está proximo o dia do julgamento de 24 cidadãos que v. o responder a uma poliecia correctional pelo simples motivo de punirem pelos seus direitos!!

Parecerá estranho, aos homens de bom senso o que asseveramos; mas o que em seguida escrevemos não o é e não a fiel transcriptão da verdade.

Os réus (porque a força os faz ser réus) que elles o seião) são accusados de nos dias 10 e 11 terem auctores dos tumultos levantados n'esta praça. Deve-se ter em vista que no processo são accusados 24, mas elles eram mais de mil e quinhentos, era toda a população da freguezia que n'aquella occasião ali se achava; eramos nós todos, que gritavamos em voz alta: «queamos o nosso direito livre, queremos pão para as nossas familias.»

são também accusados de terem atira-

do pedras á casa do sr. Thomaz Maria da Silva; certo é que ellas foram atiradas; mas quem as atirou ninguém o pôde affirmar, pois no meio de tão grande multidão quem os conhecia? e devem pagar os justos peccadores? isso nunca, nem ha juiz justo e honrado que tal faça. A maior parte das testemunhas são as contratadeiras do milho, são as taes que o povo fez pôr fóra da praça; ora sendo ellas as queixosas é muito provavel que digam quantas asneiras lhe venham á cabeça, na certeza que podem pôr a culpa n'este ou n'aquelle, que o mais certo é acertarem, porque no segundo dia talvez não ficassem 50 pessoas em casa.

Fique-se sabendo por uma vez, que os tumultos foram causados pelas contratadeiras e contratadores do milho; o povo é pacifico, porque se o não fosse que fariam á mulher do sr. Thomaz Mar a da Silva quando ella maltratou uma pobre mulher na occasião que ella comprava uma quarta de milho?! Est' acto foi praticado na presença da força aqui estacionada e na presença do seu capitão que vendo tal di-parate mandou r tirar a força, convencido de que os principaes causadores dos tumultos eram os taes contratadores e contratadeiras.

Emfim, confiamos que haverá toda a vigilancia no referido processo, para evitar vinganças e talvez novos tumultos.

J. M. B.

Recebemos do illustre cidadão Francisco Augusto da Fonseca Regalla, intelligente e dignissimo capitão do porto d'esta cidade a carta que em seguida publicamos:

Sr. redactor.— Alguns jornaes do Porto, noticiando o encalhe do vapor *Kate Forster*, attribuem o desastre, uns ás más condições de navegabilidade da barra de Aveiro, outros á agitação do mar.

Esperava que a narração do facto, que foi presenciado por centenas de pessoas, feita pelos jornaes d'esta cidade, fosse a expressão da verdade. Enganei-me, porque, posto apresentem a verdadeira causa do desastre, não o descrevem de modo a deixá-lo claramente definido.

No interesse d'Aveiro e da navegação que frequenta o seu porto, permitta-me v. que, com rectificação, lhe offereça e peca a publicação, no proximo numero do seu jornal, da seguinte narração do naufragio.

O vapor *Kate Forster* foi avistado d'esta barra, na sexta-feira, 13, pela meia hora (p. m.). Trazia içado o jack no mastro de proa, signal de pedir pratico, o que mostrava que não tinha tomado no Porto, o que para ali marchara com o fim de o pilotar.

O estado de agitação do mar não permittia que as catraias fossem fóra, nem tão pouco se conservassem no *Es-palhado*, e por isso, não sendo ainda a hora da maré, fez-se-lhe da torre signal para se conservar ao N. da barra.

Apesar d'isto, o vapor seguiu para o S. e começou pairando, proximo da costa, a meia milha, pouco mais ou menos da barra. O não ter seguido a indicação da torre, não o collocou em peiores condições para a entrada, attendendo á natureza do seu motor.

A corporação dos pilotos preparou-se para dirigir o navio, levando-as catraias para o extremo do cabedello do N., e indo um piloto com uma bandeira para o mesmo cabedello, a fim de, n'esse logar, repetir os signaes, feitos da torre, na occasião da entrada.

Antes, porém, da hora da maré, o navio que se conservava pairando a meia milha, approximadamente, ao S., metteu direito á arrebentação, pelas 2 horas e um quarto, em direcção ao extremo do molhe, n'uma linha inclinada com relação á costa.

Não fora chamado da torre, mas logo que se viu effectuar esta incomprehensivel manobra, em resultado da qual se achava envolvido na arrebentação, içou-se a bandeira inclinada ao N., indicando-lhe que devia seguir a este rumo, como unico salvaterio. No cabedello foi repetido o signal.

O vapor, envolvido na arrebentação, galgando por cima dos bancos d'areia, que orlam a costa, veio, ainda assim, até estar quasi agua aberta com o porto, mas chegando ali começou a cair a ré e içando a *polaca* fez cabeça sobre a terra, aonde veio encalhar.

Eis a narração fiel do que se passou, e pela qual se vê o grau de culpabilidade de quem deu causa ao desastre.

Logo que a tripulação saltou em terra, inquirindo eu o capitão sobre a causa de uma tão incomprehensivel

manobra, respondeu que, julgando a maré feita, e temendo que o não chamassem para a barra n'aquelle dia, e que no seguinte ella não tivesse profundidade sufficiente, tentára d'aquelle modo a entrada. Note v. que o rumo, que elle tomou, do ponto aonde pairava, perpendicularmente, por sobre uma linha de bancos que orlam a costa, e nos quaes o mar quebra com furia, o que tem presentemente a barra. Se o navio não viesse leve e a agua não estivesse alta, decerto, além da perda do vapor e carga, teriamos, hoje, a lamentar a da tripulação.

O capitão tinha recebido em Inglaterra iustrucções sobre a barra; não as seguiu, como não seguiu a de receber o pratico no Porto.

É necessario que este caso fique bem claro, para não prejudicar a barra. Basta-lhe a má fama que já tem e que em parte bem lhe cabe. As suas condições, porém, permittem a entrada a todos os navios que venham na agua em que vinha o *Kater Forster*, isto é, onze pés inglezes. Sem perigo algum, com tanto que a demandem na praia-mar das aguas vivas.

O *Kate Forster*, se não fosse o seu desastrado naufragio, estaria hoje fundeado no nosso porto, sem o mais pequeno accidente.

Pela publicação d'estas linhas se confessará grato o.

De v. etc.

Barra d'Aveiro 17 d'outubro de 1882.

F. Regalla.

Amares

Aos nossos assignantes de Amares, que estavam condemnados a ir á berlinda n. presente n.º, visto não satisfazerem a importancia das suas assignaturas, suspendemos á ultima hora a execução da justa pena; mas, unicamente, porque acaba de satisfazer o seu debito a esta empreza um digno assignante da mesma localidade pontualidade que agradecemos.

Esperando pois que os outros nossos assignantes de Amares sigam o exemplo do seu brioso conterraneo pagando até ao n.º 40—seguinte—o que nos devem, é o motivo da suspensão da p. na até ao citado n.º.

Oxalá que o bello exemplo d'este nosso assignante aproveite aos outros nossos assignantes menos pontuaes.

Protesto de Victor Hugo contra a pena de morte

Eis o protesto de Victor Hugo contra o fuzilamento de Arabi, o valente patriota egypcio:

«Julga-se Arabi.

Quem é Arabi?

É um rebelde? Sim, diz o khediva muito alto. Não, diz o sultão baixinho.

É um libertador? Libertador de quem? O povo egypcio existirá e será grande, no seculo vinte. Presentemente não existe ainla.

É um belligerante? Isso suppõe a guerra; ora n'este momento, a guerra não existe. Ha factos militares irregulares, sobre os quaes a Inglaterra se explicará, mas não guerra. A Inglaterra não está em guerra com o Egipto, a Inglaterra não está em guerra com a Turquia.

Quem é pois Arabi?

É um prisioneiro.

Nós outros, os viandantes, os desconhecidos, os primeiros que chegamos, existimos, vivemos e os governos trabalham ao pé de nós; occultam-nos o que fazem; ignoram-o; elles talvez o ignorem também. Mas vemos o que elles não vêem; na ssa frente, lá ao fundo do horizonte está a obra do futuro; vemos o islamismo desmoronar-se no Oriente, o catholicismo cair no Occidente, a Africa a civilisar-se; isso está diante de nós; os governos podem occultar-nos o que fazem, nós vemos o que faz a civilização. Estamos contentes.

A pena de morte resumiu e representou todas as antigas justias criminaes do passado. Foi o anjo das velhas legislações. Hoje está julgada e condemnada. Em cincoenta annos vinte e sete Estados riscaram-na dos seus codigos. Os governos que a conservam (a França, também!) obedecem-lhe o

menos que podem; causa-lhes medo e vergonha. Não ha um jurado illustrado capaz de concorrer para uma sentença que applique a pena de morte. Já não é anjo, é espectro.

Aqui alguém nos deteme e diz-nos: A pena de morte nunca foi tão poderosa como agora Adoptam-u'a os dois mundos. Ella não morre, ella mata. Arabi vai ser fuzilado.—Esta linguagem surprehende-nos, mas não nos inquieta. Não, a civilização não é a barbarie, não, a selvageria não é a sua justiça, não, a civilização não mata um homem como o faziam as velhas sociedades, sem se saber bem porque; não, ella não começa a grande obra que o seculo vinte abrangerá por um acto que é, para os que o praticam, um enigma, e, para os que o veem praticar, um crime.

Não.

Victor Hugo.

Gomes Freire

Fez no dia 18 d'este mez 65 annos que o egregio general Gomes Freire d'Andrade, um dos mais distinctos officiaes do exercito portuguez, foi enforcado nas proximidades da torre de S. Julião da Barra, sendo depois o seu cadaver queimado e as veneraveis cinzas do illustre official lançadas ao mar.

Todas estas barbaridades foram mandadas praticar pela nefasta regencia do reino, sob a influencia do general inglez Beresford, que sendo então commandante em chefe do nosso exercito, teve denuncia pelo capitão d'infanteria José d'Andrade Corvo—um vil traidor á patria e á liberdade—que o illustre cidadão Gomes Freire conspirava com outros distinctos officiaes em favor da liberdade politica do paiz. D'est'arte, prenderam Gomes Freire e condemnaram-no á morte.

O immortal Gomes Freire foi portanto o precursor dos benemeritos revolucionarios de 1820.

Honra á memoria do primeiro martyr da liberdade portugueza!

As nossas auctoridades

É extraordinario o que se está passando no paiz com as auctoridades administrativas e judiciaes. Cahiram n'uma profunda desmoralisação, de que nada é capaz de as arrancar. Innumerem-lhes as torpezas, fustiguem-lhes as faces com os crimes commetidos, que nem assim conseguirão faze-las entrar em bom caminho. Perderam completamente a vergonha e lá diz o dictado—quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

Até aqui a magistratura, já muito contaminada, occultava-se um pouco, encobria as poucas vergonhas que fazia, emfim ainda tinha algum decoro. Mas agora! Chegou ao estado de reles meretrizes. É olhar que só não verá isso quem não tiver olhos.

Ha, porém, uma excepção. As auctoridades aveirenses são d'uma honestidade sem egual, principalmente o delegado do procurador regio, um tal Cesar de Sá. O leitor conhece este cavalheiro (é um modo de dizer) tão bem como nós. É um perfeito dandy, bem vestido e calçado, usando *luvas primorosamente fabricadas*, um janota que *agrada*, fallando muito, com esgares rudes, um pan... pan... pandego completo. Este cavalheiro (é um modo de dizer) é já bastante conhecido desde os tempos de Coimbra. Como estudante não tinha muito as sympathias dos seus condiscipulos, lá por cousas que para nada nos importam. Divertia-se a seu modo, peor ou melhor, fazendo das suas ou não, o que não tem importancia para o caso e se dessemos um pouco a tantas minuciosidades é por ser essa a obrigação de quem dá ao publico os traços biographicos, ainda mesmo ao correr da pena, de qualquer figurão.

Depois fez-se homem sério e entrou na vida official como delegado do procurador regio. Bem bom funcionario nos sahio o diabo do homem. Amiguinho de cumprir os seus deveres como aquillo, nunca vimos. Com tudo tem dois defeitos, o que não admira, porque não ha formosa sem senão. É muito esquecido, e muito vaidoso *com as luvas*. Em elle andando de *luvas novas*, bem fabricadas, de boa *materia prima* trabalhadas por bom artista

ninguém o atura e tal é a preocupação do digno delegado do procurador regio na comarca d'Aveiro, que se chega a esquecer dos processos. As vezes também lhe succede isso por amizades politicas, e que, verdade, é defeito que o delegado do procurador regio, aliás dignissimo, trez vezes, um milhão de vezes dignissimo precisa corrigir. Assim aqui ha tempos este jornal atacou duramente uns malandros possuidores de qualquer casa de batcta ali n'uma rua da localidade. Tão energicas foram as nossas reclamações que a auctoridade (bem lhe custou!) não teve remedio senão dar providencias. Instaurou um processo aos batoteiros, mas processo foi esse que desapareceu não se sabe como. Diz-se que foi obra d'*espiritismo*, *luvas*, empenhos, cousa que o valha. Nós só sabemos que tal processo não teve andamento.

Como esse ha outros.

Assim uma pessoa respeitavel do distrito tem mandado para o nosso jornal uns communicados dizendo amarguras verdadeiras ao sr. governador civil, a respeito d'umas historias, d'uns contos, d'uns processos que o sr. delegado talvez conheça também. Vae novo communicado no local competente para que chamamos a attenção dos leitores. E já que fallámos no sr. governador civil diremos que também nos parece bastante esquecido, apesar de não chegar aos calcanhares do cavalheiro Cesar de Sá.

Ainda se falla por ahí muito n'um antigo processo contra uma creança, induzida a roubar por uma mulher que ficou na rua, enquanto a creança ficou na cadeia. Não sabemos como se passou essa historia. Havemos de pedir informações ao dignissimo, ao nunca assaz dignissimo delegado, cidadão merecedor de todos os respetos, zelosissimo cumpridor dos seus deveres, auctor nas horas d'ocio de farças que nos fazem rir, elegante, amavel, espi-rituoso, com tantos e tão grandes predicados que não temos espaço para os innumerar, e depois fallaremos.

Sim, fallaremos; prestante, honrado e digno cidadão.

Boletim Litterario

Recebemos, e agradecemos, o 1.º fasciculo do romance—*Mysterios d'uma herança*, de que é auctor o popular romancista francez Xavier de Montépin e traductor Julio de Magalhães.

É edição da acreditada empreza lisbonense Serões Romanticos, de Bellem & C.^{as}, muito nitida e ornada com magnificas estampas coloridas.

O romance é contemporaneo e de grande interesse.

O revisteiro das revistices achava ha dias que estava esplendidamente escripto um artigo d'um jornal sertarajo sobre politica internacional.

Oh! revisteiro! Deus te alumie com uma candelá d'azeite para vères sequer ao menos uma pollegada adeante do nariz. Então não sabes, revisteiro, que o jornal sertanejo repetiu o que está dito e redito pelos melhores jornaes portuguezes e que portanto é simplesmente um pobre plagiario? Valha-te Deus, revisteiro.

A praça do peixe, d'esta cidade, está quasi reduzida a um fóco de peste: a cada passo se deparam ali montes de imundicie, especialmente em frente das ruas que desembocam n'aquelle local, resultando de tanta falta de limpeza um cheiro horrivel.

Crêmos que os armazens de sardinha também concorrem para isto, por causa da pouca limpeza que n'elles se dá.

O pessimo estado de condições hygienicas em que se encontra sitio tão frequentado pôde ser causa de graves doencas; portanto pedimos aos srs. administrador e delegado de saude que hajam de dar as providencias que o facto urgentemente reclama.

Ha dias um boi matou uma mulher em S. Bernardo, quando esta lhe deitava de comer.

A victima não foi a mulher que ordinariamente tratava do gado, mas sim outra já de idade, que costu-

Trabalhar a casa onde ocorreu a desgraça, e com quem o boi já de ha muito implicava.

Parece que a criada da casa fora n'aquelle dia á feira, recommendando á velha que não se aproximasse do boi; apesar d'isso a mulher foi deitar-lhe de comer e deu-se o caso que deixamos narrado.

Empreza arrojada na extensão da palavra, é a que se propõe tentar, segundo affirma um jornal geographico, um joven norueguez, o capitão Fred Normand, que realison já a travessia do oceano n'um barco de limitadissimas dimensões.

A empreza que esse valente marinhiero agora quer tentar consiste — em ir dos Estados-Unidos á Europa n'um simples barco de remos onde não cabe mais do que elle: uma verdadeira casca de noz!

Conta gastar cem dias na viagem; consistindo as suas provisões unica e exclusivamente em conservas, café e 50 galões d'agua, levando além d'isso uma lanterna constantemente accesa, um cachimbo e tabaco.

Já é enthusiasmo pelo mar!

Nós não somos pessimistas, mas a verdade é isto:

Portugal está na maior decadencia. Está imminente uma crise medonha.

O partido do rei arrasta a nação para a beira do abysmo.

Calcula-se que a divida fluctuante, que no mez proximo passado attingiu a cifra de 8:769 contos, será aproximadamente em 31 de dezembro de 11:000 contos.

Á vista d'isto, crêmos que o «canto do cysne» do impagavel financeiro Fontes e do governo monarchico será — a banca rota, a anarchia, o horrivel *saive qui peut* (o «salve-se quem puder!»).

Povo — álexta!

Vamos com a ideia nova para a frente!

Ávante! e não trepidar — senão ai! da patria, ai! de nós todos.

Republica ou morte!

Diz um jornal com uma grande ingenuidade carola que o papa dirigiu uma encyclica ao episcopado catholico, recommendando a propagação das ordens terceiras como *excellente meio de tornar o rico caridoso, o pobre resignado e a resolver pela conciliação do rico e do pobre o problema social.*

Isto é que é cynismo.

Roubam todos os haveres aos pobres abusando da sua ignorancia, para os irem enthesourar n'esse immenso sorvedouro de riquezas, o Vaticano, e ainda por cima os escarnecem!

Vão celebrar-se os centenarios de dois dos mais notaveis homens da Europa.

O primeiro é o do egregio poeta latino Virgilio, na Italia; e o segundo o de Lutthero, o grande reformador da religião christã, na Allemanha.

O centenario de Virgilio será proximo festejado em Roma; e o de Lutthero terá logar no proximo anno em Wittemberg, onde o celebre reformador do catholicismo queimou publicamente (1520) a bulla do papa que o excommungava.

D'estarte brilhantemente se acata a memoria do primeiro poeta classico da raça neo-latina, e se commemoram as virtudes d'um dos mais valentes adversarios do papado ou feira do clericalismo romano.

Arabi-pachá, o mais illustre paladino do partido nacional do Egypto, está sendo julgado pelos tribunales egypcios, e receia-se que a perfida Inglaterra deixe que elle seja covardemente fuzilado, pois não ha esperanças de que ella intervenha nas decisões do tribunal; — embora tenha havido nos ultimos dias grandes *meetings* em Londres e na Irlanda, pedindo ao governo inglez que salve o heroico Arabi da morte, e ate os jornaes de Pariz publicassem no dia 16 do corrente um protesto de Victor Hugo a favor de Arabi e contra a pena de morte, que vae duplicado n'outro logar d'esta folha.

Que, desilludamo-nos, para a Inglaterra não ha justiça nem humanidade, nem liberdade; ha *conveniencias*, e é por ellas que a Inglaterra quer a morte de Arabi.

O egoismo dos inglezes é feroz, irritante, de todo o ponto condemnavel.

ANNUNCIOS MODISTA

No Porto, rua de Liceiras, n.º 73, ha uma modista que se encarrega de executar toda a obra de senhoras tanto branca como de cor a preços extremamente baratos, tanto para a cidade como para as provincias, garantindo todo o esmero e perfeição e tendo um pessoal competetemente habilitado.

ATENÇÃO

João P. de Miranda, com estabelecimento de alfaiate na rua dos Mercadores n.º 13, 15 e 17, participa aos seus freguezes e amigos, que já lhe chegou o sortimento de fazendas proprias para a presente estação.

Hospedaria e padaria na Torreira

Reis e C.ª participam ao respeitavel publico que acabam de estabelecer na costa do Torreira uma hospedaria e uma padaria, na mesma casa, as quaes se acham nas condições de satisfazer qualquer exigencia.

Preços modicos e serviço esculpulozo. Ha quartos reservados, com camas ou sem ellas.

A ILLUSTRACÃO JORNAL DAS FAMILIAS

DIRECTOR
FIALHO D'ALMEIDA
PUBLICACÃO SEMANAL
Cada numero 16 paginas e 4 Gravuras
CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
LISBOA, PROVINCIAS, E ILHAS

Anno ou 52 numeros..... 2\$500
Semestre ou 26 numeros... 1\$300
Trimestre ou 13 numeros... \$700
Á entrega, cada numero.... \$050
Avulso, cada numero..... \$060

ULTRAMAR E PAIZES DA UNIÃO POSTAL

Anno ou 52 numeros..... 3\$000
Semestre ou 26 numeros... 1\$500

BRAZIL

Anno ou 52 numeros..... 9\$000
Semestre ou 26 numeros... 4\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

Envia-se o primeiro numero, como specimen a quem o requisitar.

Correspondencia á Empresa Horas de Viagem, rua da Procição 104 1.º Lisboa.

PRECISAM-SE AGENTES

ATENÇÃO

Fernando Homem de Carvalho Christo, com loja de carpinteiro na rua d'Alfandega, toma encomendas de carpintaria, constando de portas e janellas e outras construcções n'este genero, para o que tem excellentes madeiras e por preços muito commodos.

SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 réis semanaes



SINGER!

Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mndo conhece e que nunca tiveram rival

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—Rua de José Estevão—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO



52—LARGO DA PRAÇA—53

OVAR

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS QUE SE DARÃO GRATIS

Vende-se algodões, torças, agulhas, óleo e peças soltas, preços baratissim

SINGER!

GRADE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril



—Rua de José Estevão, 26 e 28—

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas legitimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a prazo.

Grande abatimento

Em todas as machinas vendidas a prazo dispensa-se a prestação de entrada, sendo o seu pagamento fei-500 réis semanaes to a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

João da Silva Santos

AVEIRO

DOMINGOS LUIZ VALLENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças de cimaes, páus ferrados proprios para banhos e tudo pertencente ao seu ramo. Preços sem competencia.

MACHINAS LIGITIMAS

SINGER

Chegou ao deposito da Companhia Fabril Singer na rua de José Estevão d'esta cidade um novo e variado sortimento de suas machinas de costura, com novos melhoramentos e por preços convidativos.

Tem apparecido por ahí algumas machinas a imitarem as verdadeiras do Singer. É preciso reparar bem na sua marca e ver se são legitimas.

N'esta cidade só se vendem na companhia Fabril Singer na rua de José Estevão 75 a 79 e em Ovar na Praça.

GRANDE SUCESSO

A FAVORITA DE BOU-AMENA

O MAIS DRAMATICO DOS ROMANCES CONTEMPORANEOS

POR

LOUIZ D'ARENE

Versão de Augusto José Vieira

Folhas de 8 pag. 10 rs.—

Estampas n 10 rs.

O enredo d'este magnifico romance, todo palpitante de interesse, desenvolve-se nos nossos dias; os personagens, pela maior parte ainda existentes, reconhecem-se perfeitamente.

A *Favorita de Bou-Amena*, deve pois obter um exito sem precedentes na historia do folhetim contemporaneo.

O auctor teve o feliz arrojio de descobrir, primeiro do que ninguém, as velhacarias e trações de um homem, que occupando outr'ora uma das mais altas posições, está actualmente marcado para sempre pelo ferrete infamante da vergonha.

Um dos principaes assumptos d'esta publicação, é as conspirações Bonapartistas contra a Republica Franceza, as tramas com a Allemanha, com a Italia, com o Bey de Tunis, com Bou-Amena etc., etc.

No 2.º capitulo d'esta interessante obra, apresenta o seu auctor o marechal Bazaine entregue, aos seus projectos de traição á patria.

Luiz d'Arène soube, ao mesmo tempo, crear heroes sympathicos cuja existencia arrojada e aventureira preparava as peripicias mais commoventes.

Os leitores encontrarão n'esta obra os effeitos dos ardis de duas mulheres guiadas por paixões contrarias, o amor e o odio: uma perseguindo sem descanço a realisacão do seu ideal, e a outra a destruição e a ruina da sua patria.

NOVO ESTABELECEMENTO

DE DE
CRYSTAES, MOBILIA E MERCEARIA

DE DE
JOSÉ MARIA DOS SANTOS

DE DE
RUA DIREITA

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidruga branca e de cor, molduras douradas e pretas, galetrias, pates, stores, transparentes, copos, calix, garralhas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences. O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

FAVORITA

DE DE
BOU-AMENA

— Romance de propaganda republicana, descrevendo fielmente a historia de França desde 1871 até ao presente. — Saiu o 2.º fasciculo d'esta importante publicação, esmeradamente traduzida e illustrada. — E' edictada pelo sr. Francisco Nunes Colares, proprietario da *Empreza Noites Romanticas*, Rua da Atalaya 18.— LISBOA